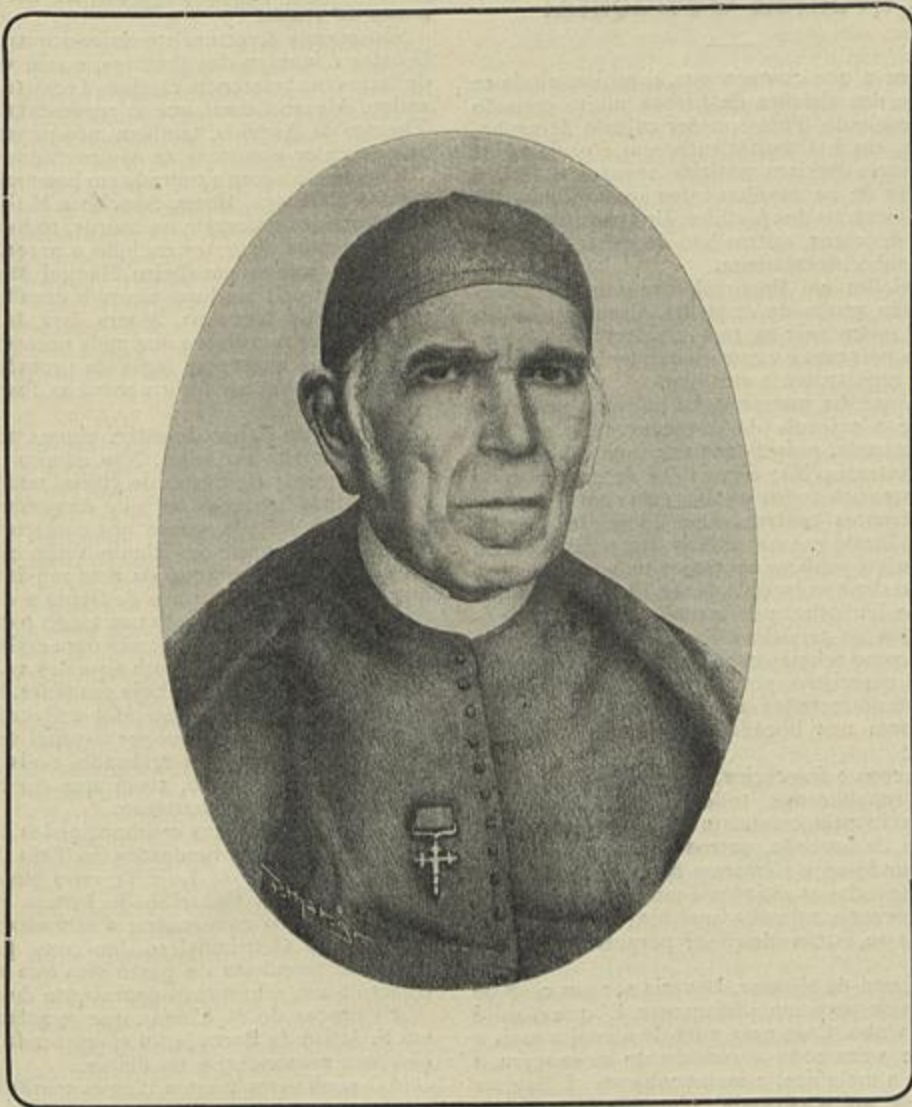


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	29.º Anno — XXIX Volume — N.º 995	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	20 DE AGOSTO DE 1906	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



O MAESTRO JOAQUIM SILVESTRE SERRÃO

Joaquim Silvestre Serrão

Na decadencia extrema a que chegou a Musica religiosa em Portugal, depois de Joaquim Casimiro, ouvindo-se «em logar das boas composições artisticas que temos no paiz, uns *pot-pourris* nau-seabundos de musica verdiana gaitados com desfaçatez indigna dos actos mais serios do culto» (1), é verdadeiramente um assombro, que existisse, ignorado pelos proprios musicographos, um compositor no genero sacro, Joaquim Silvestre Serrão, que apparece assim julgado por Martino Roeder, director do Conservatorio de Boston: «Maravilhou-me encontrar n'elle um compositor, que n'este tempo, soube conservar aquella pureza infantil que tiveram os nossos antepassados, com a qual

Pergolesi e Astorga poderam escrever os seus *Stabat Mater*, Jomelli e Durante os seus *Requiem*, e Bach, principalmente as suas *Paixões de San João* e de *San Matheus*, e a sua *Missa* em si.

«Serrão por exemplo, não tem o talento extraordinario de Palestrina ou de Bach, e mesmo de alguns outros entre os mais distinctos das escholas recentes, mas a sua maneira de sentir e de exprimir aproxima-se muito d'aquelles modelos» (2). Basta este simples contraste entre a decadencia geral do gosto, e a revelação de um genio isolado que conservou a tradição das formas puras possuindo o poder de dar-lhes expressão sentimental, para que sejam de maximo interesse as noticias sobre a sua vida. Joaquim Silvestre Serrão nasceu em Setubal em 16 de Agosto de 1801, sendo seus paes o cirurgião Antonio

Leocadio Serrão e D. Anna Luiza da Conceição. Teve uma educação domestica exemplar, revelando com precocidade grandes tendencias para a musica. Não lhe contrariou a familia a vocação, como geralmente se usa, considerando o espirito utilitario a arte como uma superfluidade, matando por vezes germens fecundos. Serrão recebeu as primeiras noções musicas do P. José Julio d'Almeida, mestre da capella em Setubal. Os seus progressos foram taes, que o eximio contrapontista e harmonista Athanazio José da Fonseca se prestou a tomal-o como discipulo. O pezo da sua sciencia não lhe cumpriu as faculdades; pelo contrario o talentoso alumno começou a revelar *curiosidades* de composição, trabalhos incipientes, em que revelara mais do que os conhecimentos adquiridos, um espirito inventivo, na expressão dos sentimentos e das impressões dos aspectos da natureza. Athanazio José da Fonseca já se gloriava do joven discipulo, que assombrava nas reuniões para que era convidado, improvisando assim os themas que lhe davam, traduzindo em sons as paixões de que lhe pediam o desenho. Era assim que Athanazio exclamava: *Hade ser poeta*. Era o julgamento perfeito do seu genio musical, que se elevou pelo poder descriptivo e pela verdade do sentimento. N'este periodo em que o tal. n.º mal conhece difficuldades, Serrão teve o pensamento de trabalhar para a restauração da Musica religiosa em Portugal. Como realisar este sonho n'esse pequeno meio de Setubal. Perto da cidade existia em Palmella o Convento dos Freires de San Thiago da Espada, Ordem militar riquissima, que sustentava uma grandiosa capella; vagando um logar na ordem, concorreu a ella Serrão pela sua competencia artistica, e submettido a rigorosissimo exame, foi unanimamente approved. Foi a sua entrada na Ordem de San Thiago em 1 de Junho de 1819; em 1 de Junho de 1820 era já ahi professo. Começou a sua actividade como organista, compoendo Missas e Responsorios em que seguia a tradição dos grandes Mestres, como Haendel e Bach. O sentimento religioso era um estado poetico, ma; constitutivo da sua alma. Ordenou-se de presbytero em 1824, recebendo um beneficio ecclesiastico em 1825, e elevado a capitular da Ordem em 1826.

As grandes tempestades politicas que se desencadearam desde a revolução de 1820 e reacção absolutista de 1823, aggravaram-se temerosamente depois de 1826. Sendo o Castello de Palmella occupado pelas forças militares, os Freires de San Thiago foram transferidos para os Jeronymos de Belem. Ahi encontrou Serrão um bello e grandioso orgão em que deu largas ás suas inspirações. Mas a tempestade social continuando, em 1834 foram extinctas as Ordens monasticas, seguindo-se-lhes em 1835 as Ordens militares. Serrão achou-se arrojado á vida secular em um meio hostile e antipathico ao seu recolhimento contemplativo. Em Lisboa entregou-se ao trabalho das lições particulares, e manteve relações com o compositor illustre Frei José Marques, então a maior auctoridade musical, que o examinou a fundo em todos os problemas e lhe revelou os mais intimos segredos da arte. Aos abalos moraes de tamanha crise social, succedeu um estado de doença; aconselharam os medicos a Serrão que viajasse, que mudasse de terra. As suas relações com alguns açorianos, e informações que tinha da Ilha de San Miguel, o determinaram a fazer uma excursão áquella ilha opulenta e aprazivel. Foi uma resolução prompta; em 5 de Março de 1841 desembarcava na ilha de S. Miguel. Aco-

(1) Joaquim de Vasconcellos, *Musicos portugueses*, t. II, p. 173.

(2) *Gazeta musicale* de Milão, 4 e 18 de Maio de 1877.

lhido logo por uma hospitalidade absorvente, sentiu um estado de pacificação de espirito e ao mesmo tempo achou certa cultura musical que o encantou. As musicas de Soares eram ahí cantadas com esmero. O Bispo D. Frei Estevam de Jesus Maria, que fora organista da sua ordem franciscana, manifestou logo uma viva sympathia por Serrão. Foi nomeado organista da igreja Matriz de Ponta Delgada. E' então que começa a sua actividade musical, que vae desde 1842 a 1862. Para a Igreja Matriz, e para o Convento das Freiras clarissas da Esperança escreveu elle as suas principaes composições, dispondo das mais preciosas vozes dos ordinandos, que estudavam musica para comprazerem com o bispo, e das vozes femininas para as quaes escrevia as Matinas do Espirito Santo, de uma frescura paradisiaca. Toda a Semana Santa foi por elle tratada em *Matinas*, que se aproximam das formas do *Oratorio*, pelo seu vigor dramatico.

Roeder, que de 1876 para 1877 ouviu na ilha de S. Miguel algumas d'estas composições, indicava-as na seguinte forma:

I. *Officio completo de Quarta, Quinta e Sexta feira da Semana santa.*

81 peças de musica, sendo: Córos, Solos, Duetos, entre os quaes se comprehendem Fugatos e Recitativos.

II. *Responsorios de Nossa Senhora da Conceição.*

24 peças.

III. *Responsorios do Espirito Santo.*

6 peças.

Todas estas composições conservam-se ainda ineditas. Roeder, que classifica alguns d'esses Responsorios de *sublimes e ideaes*, ahí encontra, como no solo *Tardidit in mortem*, a alliança dos velhos mestres napolitanos, como Pergolesi, Jomelli e Durante, com a grandeza de Bach, na *Paixão de San João*, com um passo á Rossini, em que se vê que estava ao corrente de todos a evolução das formas do genero sacro. O duetto *Omnis inimici mei*, como nota o competentissimo

visita é que Roeder deu uma noticia biographica de Serrão, exprobando os portuguezes de possuírem um genio musical d'aquella ordem sem que o conhecessem, até mesmo os proprios musicographos (1). N'esse mesmo anno, em 20 de fevereiro de 1877 falecia o P.^o Joaquim Silvestre Serrão em Ponta Delgada, continuando a pezar sobre o seu nome até hoje a inconsciente indifferença de uma deploravel desnacionalisação. Apenas em Ponta Delgada, aonde se desenvolveu a segunda epoca da sua genial actividade, lhe levantaram no cemiterio de S. Joaquim um monumento sepulchral em que em 1882 foi posta a sua estatua. Falta ainda a consagração nacional que compete a Serrão, como a publicidade e o estudo da sua obra, que é um titulo de gloria portugueza.

THEOPHILO BRAGA.

(1) Joaquim de Vasconcellos não incluiu Serrão no seu livro *Os Musicos Portuguezes*; e Ernesto Vieira, no *Diccionario biographico de Musicos Portuguezes*, fazendo a apothese de Joaquim Casimiro, procura annullar as apreciações de Roeder por supposições alheias á arte.

Chronica Occidental

A' hora a que começo esta chronica, ainda se não sabe das eleições de Lisboa muito mais do que o resultado d'um simples calculo de probabilidades, em que muitas surpresas é possível. Já da provincia haviam noticias seguras e, hoje á noite, hão de os supplementos anunciar as diferentes victorias dos partidos. Uns ganharam pelo numero de votos, outros hão de gabar-se de haverem ganho moralmente.

As eleições em Portugal tornaram-se infelizmente pão nosso de cada dia. Cremos que em nenhum outro paiz as tem havido tão continuamente, pois rara é a camara que tenha feito essa jornada, regularmente até final.

Desde que ha governos, ha politicos: mas parece que a sciencia de governar anda por ora muito atrasada, pois é cada vez maior o numero de descontentes. Não é por falta decerto nem de muita rhetorica todos os dias gasta em discursos nos diferentes centros, nem do muito suar de carecas á luz do gaz nas mezas das redacções. Se fosse possível publicar em tomos tudo o que sobre politica se diz e se escreve, far-se-hia por mez uma volumosa bibliotheca de que não dariam cabo natural todos os tendeiros d'uma cidade populosa. Mas, se como religião cabe completamente n'uma folha do catecismo, porque serão precisas tantas e tão ennumerados argumentos para dizer a um homem uns bocadinhos de seus direitos e deveres?

Hintzaceos e francacios, progressistas, nacionalistas e republicanos, todos estão a esta hora, combatendo pela conquista de maiorias e minorias, uns de accordo, outros em desacordo, todos gabando-se de estarem na verdade. E o resultado de todas as eleições é uma grande maioria para o governo, seja elle qual fór!... Mas então para que se fazem eleições? perguntará algum ingenuo.

O dia está de abraçar. Deveria ser um caso de força maior para um adiamento. E' que o sol é como o vinho. Com uma gota de alcool a mais a girar nas veias todo o sentimento se exagera, a alegria e a meiguice, a melancolia até á lagrima e o furor até á pancada; n'um dia de sol pode ser maior o entusiasmo pela victoria e a vingança na derrota. O diabo é sol e vinho ao mesmo tempo.

Já do noticiario dos jornaes se conclue que os 29 grãos á sombra e os 50 grãos ao sol tem produzido o logico resultado. De Lisboa e da provincia não faltam noticias de bordoadas seria e até de algumas tentativas de assassinato. São as imaginações que se escaldam.

As excursões que varias sociedades fizeram, muitos domingos, é que são deveras cheias de alegria. Contra um bocado de sol mais facil é encontrar remedio, sob as largas parreiras ou junto dos choupos que ensombrem os rios ou sob as abobodas dos vastos templos visitados. Vão uns de comboio, outros por esse lindo Tejo fóra, alguns por entre os campos do Ribatejo, outros sahindo a barra até Cascaes ou até Setubal.

E festas e romarias tambem não faltam agora. De toda a provincia nos chegam descripções: musicas e foguetes, sermões e procissões, arraiaes e fogos de vista. Desde Tavira até o mais Alto do Minho, tudo se prepara; limpam-se as gargan-

tas do pigarro para cantar as modas novas e afinam-se as guitarras. E se Portugal não chega, ali está Galliza muito perto, com todas as suas bellezas e poesia e gallegas muito bonitas, e, cá em baixo, do outro lado do Guadiana, ali tem Ayamonte preparando seus costumados festejos á Senhora das Angustias.

Mas as mais faladas, pittorescas festas d'este tempo são as da Senhora da Agonia em Vianna do Castello, que está cheia de forasteiros. Nem menos de sete bandas de musica andaram percorrendo as ruas. As lavradeiras ainda não abandonaram os seus fatos garridos e que tão maravilhosamente lhes ficam. Se outras d'outras provincias soubessem como lhe fica mal o haverem abandonado seus fatos tradicionais! Já não se encontra uma alemtejana com um antigo collete de velludo, o lenço desdobrado, e chapéu redondo e pequeno, que tão elegante era.

Em Vianna houve tourada em que foram colhidos, sem consequencias graves, os cavalleiros Macedo e Morgado de Covas, ambos pelo mesmo touro.

Os principes já regressaram da sua viagem pelo reino, tendo vindo de Coimbra pela Louzã, Chamusca, Azambuja e Alhandra e chegado a Cintra no sabbado, á hora em que ahí se realisava uma garraia por alguns pequenos de dez a quinze annos de idade.

São grande divertimento da epoca as touradas. O calor é inimigo dos theatros, e sem deixarmos de fazer uma referencia elogiosa á revista do nosso amigo, Alvaro Cabral, que se representa agora no Theatro da Avenida, tambem nós pensamos que touros, calor e moscas se dão perfeitamente.

Está sendo agora a tourada em beneficio dos invalidos Calabaça, Botas, Sancho e Mulateira. Os lavradores offereceram os touros, todos puros, e o programma deve ter enchido a praça. Dirige a corrida o antigo cavalleiro Manuel Mourisca, o bandarilheiro Theodoro picará a cavallo, Cadete será cabo de forcados, Maera fará de D. Tancredo. Entram curiosos dos mais notáveis e ainda não sei que surpresas farão da tourada de hoje das mais faladas no futuro entre as festas de caridade.

Os velhotes lá hão de estar, alguns talvez com sua lagrimasita no olho. Não admira Tambem elles tiveram suas tardes de gloria, tambem elles ouviram nas bancadas do sol e da sombra estrondosos os applausos, viram nos camarotes lenços brancos a agitarem-se. Algum velho que lá está já hoje ha de lembrar-se da arte requintada com que Mourisca fazia a sorte de frente e das navaras do Sancho preparando um touro para ser pegado. Mas os velhos já não são para entusiasmos e os novos não conheceram aquelles velhos.

Tiveram glorias, tem hoje saudades. Para elles ha muitas compensações. Mal collocados estão aquelles que soffrem, porque tiveram uma ambição, e sem a haverem realisado, mais por uma idéa que por um facto, tem que dar contas da aventura em que se metteram.

Estão n'este caso os insubordinados de ha mezes nos cruzadores fundeados no Tejo. Já foi julgado o tenente José Luiz Teixeira Marinho que recorreu para o Conselho de Justiça Militar da sentença que o condemnou a seis mezes de prisão militar. O tribunal só deu como provado o crime de abandono de posto sem que attribuisse o facto a um sentimento aggravante de cobardia.

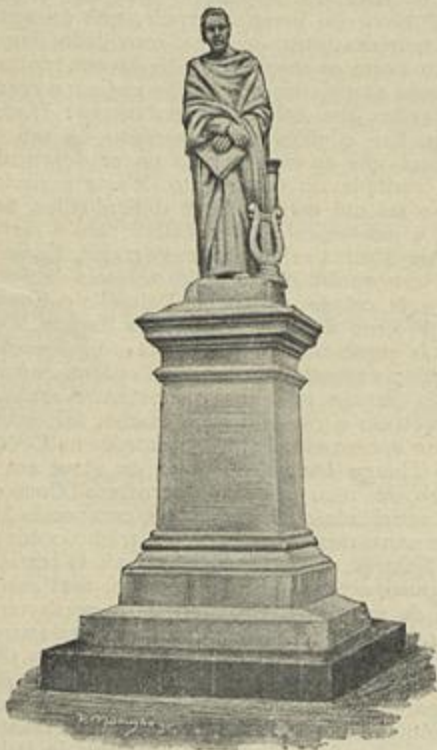
A's praças do D. Carlos, que se acham presas em S. Julião da Barra já foi apresentada a intimação para responderem no dia 22.

Mal sonhariam muitos d'esses marinheiros, ao embarcar na aventura, que estava doida a bussola que para a viagem consultavam. O que foi um sonho e o que é a realidade! D'aquelle o que resta depois? A's vezes uma saudade, quasi sempre o arrependimento.

Deu-se, ha dias, em Lisboa um caso muito triste. Tendo um credor feito uma penhora a um pobre infeliz, soube-se que este se tinha suicidado, quando os pobres tarecos davam entrada no pateo da Boa Hora, para d'elles se proceder a leilão. Havia no monte livros, muitos livros, quasi todos elles romances. Quem sabe se não seriam estes culpados de tão desgraçado final de vida, ainda mais que a crueldade do credor? O homem gostava talvez de sonhar, de viver mais na fantasia que na realidade; e a realidade appareceu á sua hora, na hora propria, como se diz agora, e anniquilou n'um mau minuto o que noites e noites o desgraçado levára a edificar.

Mas o espectáculo devia de ter sido angustioso. Cada objecto que ali estava representava talvez alguma memoria querida e todos eram discutidos pelos ferros velhos avidos d'um lucro.

Lembra-me de uma vez que na travessa de S. Domingos, vi arrumada, ao acaso, no passeio,



MONUMENTO A JOAQUIM SILVESTRE SERRÃO NO CEMITERIO DE S. JOAQUIM, EM PONTA DELGADA

critico: «E' escripto no estylo (um tanto moderno, é verdade) dos antigos Flamengos Josquin des Prés e Villaert, admirando-se aqui o sentimento fino de Serrão, realisando tão bella fusão, com excellento exito, de dois estylos essencialmente diversos.»

A actividade de Serrão suspendeu-se quando o Bispo D. Frei Estevam de Jesus Maria teve de recolher-se em 1860 á Sé cathedral de Angra do Heroismo. Serrão foi tempos depois atacado de uma paralyasia, ficando inhibido de exercer as suas funções de organista; durante nove annos o beneficiado Jacintho da Ponte substituiu-o, entregando-lhe sempre os honorarios que lhe competiam. Foi em 1876 visitado por Martino Roeder, quando em Ponta Delgada esteve como regente da Companhia lyrica do empresario Casella, que ahí foi exhibir algumas operas. Por effeito d'essa

a pobre mobília d'uns velhos que um senhorio, com a devida intimação, pozera fóra da trapeira que habitavam. Quasi nada: umas cadeiras quebradas, uma meza sem um pé, um candieiro de latão, uns bahun, umas roupas quasi lixo. Mas havia também um retrato: um homem grave, bem penteado, de suíças, collarinhos altos, uma gravata com muitas voltas, e um botão d'ouro quadrado no peitilho da camisa. Era d'estes que olham sempre para a frente. Tinham-no posto de cabeça para baixo e olhava para mim. Pois ainda não me esqueceu, e creio que sonhei com elle uma d'estas noites.

JOÃO DA CAMARA.

Escolas Moveis Agrícolas

Portugal é um país essencialmente agrícola:— Eis uma phrase verdadeiramente axiomática e banal, á força de tantas vezes repetida, porém nunca assaz comprehendida pelos governos que, em geral, raras vezes se lembram de que é a agricultura a principal fonte da nossa riqueza; é n'ella e só por ella que Portugal pode attingar o estado de prosperidade e independência de que carece. Se é verdade que a agricultura pôde proporcionar larga fonte de receita para o nosso país, não é todavia menos certo que ella não consegue desenvolver-se tanto quanto é preciso, emquanto viver anonymamente no ministerio das *obras publicas, commercio e industria*, no meio d'um labyrintho de serviços de indole e fins completamente differentes, e com uma dotação de pouco mais de 400 contos ou sejam 4:835 réis por kilometro quadrado, ao passo que nações bem mais pequenas que a nossa consagram á industria primeira verbas muito mais avultadas. Haja em vista a Belgica, que dispende 2:090 contos, ou sejam 70:847 réis por kilometro quadrado, e a Dinamarca 854 contos, ou 22:684 réis por kilometro. Que Portugal pôde viver e prosperar pela agricultura, prova-o a sua exportação que, sendo, em 1903, de 30:603 contos de réis, os productos agricolas attingiram a mais de dois terços, isto é 24:800 contos.

Segundo os calculos mais recentes, a nossa produção agricola pode computar-se em 150:000 contos. Carecemos, primeiro que tudo de normalizar a nossa produção agricola, que é muito desigual, a ponto de termos vinho de mais, e pão e carne de menos. A agricultura portugueza sofre os effeitos de uma perigosa rotina, que o vergonhoso analfabetismo ameaça prolongar-se, se quanto antes, não encetarmos uma cruzada persistente para o derruir. Não pôde haver agricultura progressiva emquanto tivermos 80 por cento de analfabetos!

Ora todos sabemos que a agricultura, como de resto, todos os ramos da actividade humana, tem modificado os seus processos, os seus methodos de cultura, que, illuminados pelo clarão fulgurante e magico da sciencia moderna, exigem do lavrador uma somma de conhecimentos que, para analfabetos, são totalmente estranhos e mesmo impossiveis de aceitar. A agricultura moderna só pode ser comprehendida pelo homem moderno.

Julio Méline, no seu livro *Le retour à la terre et la surproduction industrielle* diz: «Em menos de 50 annos tudo foi revirado debaixo para cima; a industria, a agricultura, o commercio, os transportes, os meios de produção, de consumo, de circulação e as relações dos homens entre si estão profundamente modificadas. Não é já uma evolução, é uma verdadeira revolução, que se opéra e segue o seu curso como uma torrente que arrasta tudo na sua passagem».

Ao mesmo tempo que se procura extinguir o analfabetismo, impõe-se a criação do ensino agricola elementar. Este ramo de ensino agricola attingiu já entre nós uma situação relativamente importante, mercê do habil e fecundo plano de fomento agricola, concebido e realizado pelo primeiro ministro de agricultura (embora fosse das *obras publicas, commercio e industria!*) que houve em Portugal. Chamou-se elle Emygdio Navarro, o grande jornalista e intelligente homem de estado, que levou por deante esse vasto e proficuo plano de fomento agricola, de que, infelizmente, pouco resta, porque medidas de mal comprehendida economia deitaram por terra tanta coisa boa e proveitosa.

Conservou-se o ensino agricola superior, modificado-se o ensino medio, mas o elementar, de

que tanto carecemos, desapareceu por completo.

A este respeito diz o sr. dr. Trindade Coelho, o festejado escriptor que tem dotado o seu país com livros de alto valor pedagogico: — «... pelo que respeita á *instrucção agricola*, a mais essencial n'um país aferrado a processos agricolas rotineiros e com 4 milhões de hectares de terra inculca e os restantes 5 milhões mal amanhados, — onde seriam necessarias 50 escolas moveis, pelo menos, temos apenas duas escolas secundarias (Santarem e Coimbra) e uma superior (Lisboa): 3 ao todo, mal collocadas e quasi theoreticas, — e nem uma só escola elementar, actualmente! Vê-se como andamos arredados do verdadeiro ensino popular, que tem de ser eminentemente concreto, positivo, pratico, sob pena de não valer nada, por não ensinar, afinal, a trabalhar». (*Manual politico do cidadão portuguez*, pag. 162 e 163).

Felizmente, a iniciativa particular, á qual o país deve tantas e tão benemeritas instituições philanthropicas, veio preencher a lacuna existente na instrucção agricola elementar, ao alcance do mais modesto lavrador.

Alludimos ás *Escolas Moveis Agrícolas*, que em numero de cinco funcionam no norte do país. A primeira, a mãe, por assim dizer, d'estas utilissimas instituições, foi fundada a 18 de agosto de 1901, data que ficará memoravel na historia da nossa agricultura. Foi n'esse dia que um grande amigo da agricultura, um patriota ás direitas — alma generosa, cujo nome se conserva ignorado de todos quantos lhe conhecem os feitos sublimes — fundou a Escola Movei Agricola *Maria Christina*, que, conforme as suas congêneres, tem por fim ministrar, em diversas localidades de Portugal e em contacto com as populações ruraes, o ensino pratico agricola, instruindo-as rudimentarmente nos progressos da agricultura.

N'estas escolas, que, como o seu nome indica, funcionam periodicamente nos centros ruraes, em casa e quinta expressamente escolhidas para esse fim, o ensino é feito de tres modos: — a) abrindo cursos regulares, b) realisando palestras dominicaes e nocturnas, c) fazendo experiencias para as quaes são convidados os lavradores. Os cursos são gratuitos e podem ser frequentados por menores e adultos, funcionando ao fim da tarde ou nas primeiras horas da noite. Compreendem o *ensino primario* (leitura, escripta, operações arithmeticas e systema metrico, noções geraes de historia e chorographia) e *ensino agricola* propriamente dito, ministrado em palestras e praticado no campo d'experiencias, segundo um programma admiravelmente elaborado, em que os assumptos agricolas, que servem de thema ás lições, se encontram distribuidos pelos 12 mezes do anno do curso, em harmonia com a successão das culturas. No fim do anno ha exames e passam-se diplomas aos alumnos, menores e adultos, que tenham seguido a frequencia regular d'esses cursos. Concedem-se tambem premios áquelles que, pelo seu aproveitamento e frequencia, mais se tenham distinguido.

Estas escolas possuem o material agricola necessario á boa aprendizagem dos alumnos, comprehendendo os mais aperfeiçoados modelos de charruas, tararas, debulhadoras de milho, bateadoras de cereaes, prensas, aparelhos de cenologia, desnatadeiras, aparelhos para enxertia, pulverisadores, polvilhadores, colmeias e aparelhos de agricultura, balanças decimaes, etc., alugando na região onde funcionem o material agricola e o gado que forem necessarios.

Estas escolas obedecem, como se vê, ao principio fundamental de diffundir a instrucção no seio da população rural, ministrando o ensino agricola junto dos assumptos, conforme a aptidão especial da localidade onde elle é feito. O que ellas valem como elemento poderoso de propaganda agricola dizem-no eloquentemente a Italia, que conta cerca de cem, os Estados Unidos, a Allemanha e a Austria, etc.; dizem-no tambem todos os portuguezes que vivem em Vianna do Castello, Barcellos, Villa Nova de Famalicão, Oliveira de Azemeis, Agueda e outros pontos onde funcionaram e funcionam essas cinco escolas, que a liberalidade e altruismo dos seus fundadores houve por bem fundar, para vergonha dos governos que descuram esse ramo tão valioso da nossa prosperidade — a agricultura.

O illustre portuense anonymo que, apesar de viver na capital do Brazil, fomentou o engrandecimento da agricultura do seu país, teve a felicidade de encontrar imitadores do seu generoso impulso. São elles um outro anonymo, que fundou a Escola Movei *Commercio do Porto*, que funciona permanentemente no concelho de Villa Nova de Famalicão, que, para esse effeito, é divi-

dido em quatro zonas, em cada uma das quaes, e por ordem determinada, a escola vae derramando annualmente o seu potente ensinamento; o sr. José de Bessa e Menezes, que ligou o seu nome a uma das escolas moveis que funciona permanentemente em Barcellos, e os srs. condes de Sucena, organizadores e fundadores das escolas moveis *Conde de Sucena*, que funciona nos diversos concelhos do districto de Aveiro e *Condessa de Sucena*, que funciona sómente na Borralha (Agueda).

Os Rockefeller, os Morgan, os Vanderbilt, esses colossos da riqueza norte-americana não apresentam, na sua vida cheia de rasgos de extraordinaria generosidade, actos de magnanimidade mais sublime que aquelles de que teem dado provas os fundadores das escolas moveis agricolas portuguezas.

O sr. José de Bessa e Menezes, illustre filho de Barcellos, allia á fidalguia do sangue uma alta nobreza de coração, que se tem desentranhado em actos de rasgado altruismo. A sua abastada fortuna é empregada em beneficio dos seus conterraneos e do país, quer custeando a escola movei agricola que tão auspiciosamente fundou na sua terra, onde antes havia funcionado a escola movei *Maria Christina*, cuja falta se fez immediatamente sentir, quer ligando o seu nome a outras obras de progresso material da sua encantadora villa, quer finalmente enxugando as lagrimas dos infelizes que, conhecendo a proverbial bondade e philanthropia d'este cidadão exemplarissimo, d'elle se abeiraram, certos de que a sua bolsa nunca recusa o obolo soffregamente ambicionado.

Homem de coração e de grande energia, está sempre prompto a auxiliar o desenvolvimento material e moral da terra que lhe foi berço. Por occasião da inauguração da sua escola, quiz El Rei conferir-lhe o titulo de conde, honra que o nobre barcellense delicadamente recusou. A sua afamada quinta da Granja é testemunho bem eloquente do cuidado que lhe merece a agricultura.

O sr. conde de Sucena, que tem em sua esposa uma digna cooperadora da sua rasgada benemerencia, está sempre prompto a auxiliar todas as iniciativas que tendam ao engrandecimento da lavoura do seu concelho e do districto de Aveiro, que de ha muito tem recebido dos illustres fidalgos grandes e inolvidaveis beneficios, d'entre os quaes avulta a criação das duas escolas moveis agricolas *Condessa de Sucena*, que funciona permanentemente na Borralha (Agueda) e *Conde de Sucena*, actualmente em Oliveira de Azemeis, onde foi inaugurada em 12 de novembro ultimo.

O grande patriota portuense, o anonymo fundador das escolas moveis agricolas, teve o alto criterio ou a feliz inspiração de confiar a organização e direcção d'esses uteis estabelecimentos á redacção do importante jornal *O Commercio do Porto*, a cuja frente se encontra o sr. Bento Carqueja, distinctissimo lente da Academia Polytechnica, jornalista eximio e consummado publicista, a quem todos os portuguezes amigos da sua patria tributam sincero culto de respeito e admiração.

Se de ha muito o nome do sr. Bento Carqueja não fosse sobejamente conhecido pelos seus elevados dotes intellectuaes, affirmados na cathedra, no jornal e no livro, bastaria o grande exito das escolas moveis agricolas para o impôr á nossa consideração.

Com uma dedicação e um entusiasmo pouco vulgares o sr. Bento Carqueja tem sido o grande apostolo da instrucção agricola elementar, captando as sympathias de todos quantos conhecem a causa, o fogo sagrado que o anima na cruzada da regeneração da agricultura portugueza.

Nas camaras municipaes, na imprensa, nos proprietarios lavradores e, finalmente, nos mais modestos e obscuros povos ruraes, o sr. Bento Carqueja tem encontrado o mais decidido apoio e valioso auxilio, estando todos possuidos do ardente desejo de que a sua empreza grandiosa e altamente patriotica progrida de dia para dia, para interesse do país e jubilo de quem, de longe, iniciou essa benemerente instituição.

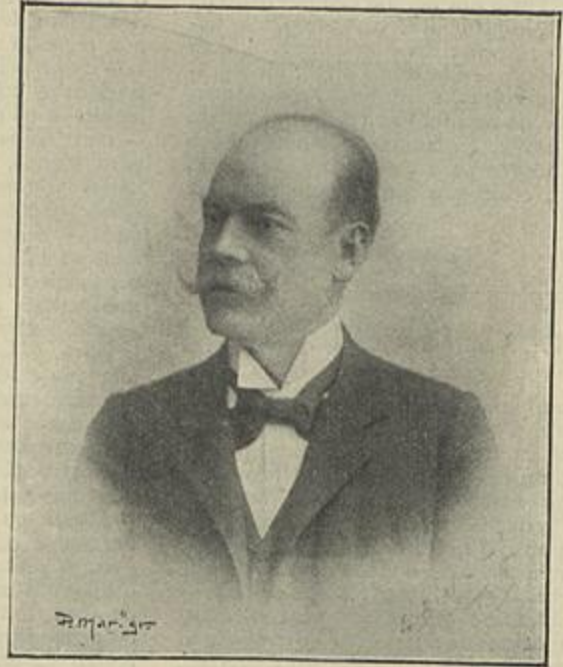
Forçoso se torna especialisar os illustres preladados bispo-conde, de Coimbra, e bispo do Porto, que não só honraram com a sua presença, aureolada pelo seu verbo eloquente e maravilhoso d'ensinamento, a inauguração e encerramento d'alguns cursos das escolas moveis agricolas, mas tambem convidaram, por meio de pastoraes, os seus parochos, quer a assistir a esses certames, quer a incitar os parochianos a frequentarem essas escolas, fazendo-lhes conhecer o pensamento dos benemerentes fundadores.

As Escolas Moveis Agrícolas *Maria Christina*

Escolas Moveis Agricolas



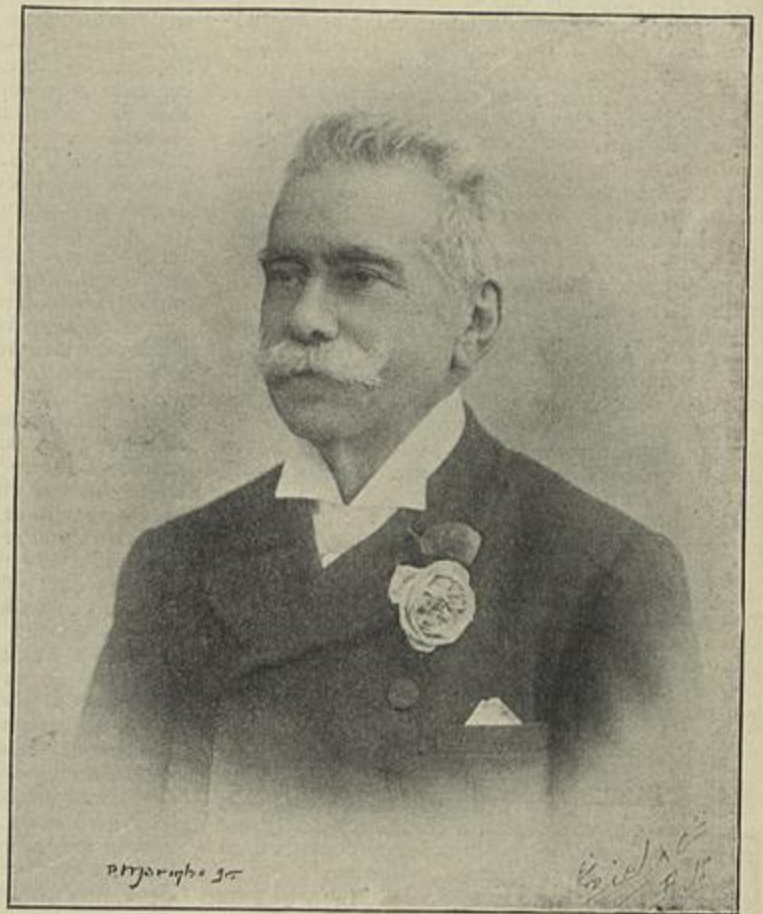
CONDESSA DE SUCENA



CONDE DE SUCENA



BENTO CARQUEJA



JOSÉ DE BESSA E MENEZES

teem, além do *Commercio do Porto*, onde semanalmente se publicam os programmas dos trabalhos realizados nas differentes missões, um órgão especial *O Lavrador* que, a exemplo de *L'Avenire agricole*, das escolas moveis italianas, leva ao seio das povoações agricolas os conhecimentos elementares da agricultura moderna, postos ao alcance das intelligencias mais rudimentares por abalisados publicistas, agronomos e veterinarios, taes como Bento Carqueja, Duarte de Oliveira, Eduardo Sequeira, João da Motta Prego, Antonio Batalha Reis, dr. Julio Henriques, João Brandeiro, etc.

Este jornalzinho, que se publica mensalmente, com uma tiragem de mais de 400.000 exemplares, é tambem custeado pelo fundador das escolas moveis *Maria Christina*, que manda distribuir,

de vez em quando, a quem se dê ao trabalho de os requisitar, saquinhos de adubos e sementes!

E tudo isto se faz sem alardes, obscuramente, anonymamente, com a ambição unica de vêr prosperar o pais pelo cultivo da terra fertil, rica, mas desajudada da mão intelligente que a fecunde.

J. A. MACÉDO DE OLIVEIRA.

O terremoto de S. Francisco da California

Não vae longe que um grande cataclysmo reduziu a ruinas uma cidade bella e nova, qual a de S. Francisco da California, abalada por um for-

midavel terremoto, em a manhã do dia 18 de abril, pelas 5 horas e 15 minutos.

Vinte e oito segundos foi sufficiente para tudo derruir, e semear a morte entre milhares de vidas que ali sepultou nos escombros e abysmos abertos no solo, vomitando fogo.

Agora mesmo nos chega ás mãos uma carta, de um amigo, que ali foi poucos dias depois da catastrophe, vêr a desolação da grande cidade, onde os bellos edificios das suas grandes ruas e avenidas se confundiam em montes de ruinas fumegantes.

Diz-nos a carta:

«Ao aproximarmo-nos de S. Francisco, no vapor que ali nos conduziu, logo podémos observar o horroroso espectáculo que nos esperava.

Os sumptuosos edificios de caprichosa archite-

O terremoto de S. Francisco da California

ctura, que povoavam a formosa cidade, jaziam por terra, apresentando um vasto campo cheio de escombros, coberto de espessa camada de pó esbranquiçado como cimento de tanta pedra fundida pelo fogo.

Na North Beach tinham desaparecido os caes onde outr'ora tanto movimento havia, e o unico que ficou, onde desembarcamos, mostrava grandes fendas que o terremoto lhes abriera.

Isto era nada á vista do que depois se nos deparou, e não sabemos como descrever tantos horrores. Só de viso proprio se pode fazer ideia de toda a extensão da catastrophe. Os 450 quarteirões de casas, onde se activava a vida, o commercio d'uma grande cidade, como são as deste novo mundo, confundiam-se em montes de ruínas e entulho que se alastravam por toda a sua superficie d'antes povoada.

Os hotéis, as tavernas e os restaurantes, onde os operarios comiam, as lojas de frutas, o grande edificio da imprensa Mysell-Rollins, que por ali se erguia, tudo, tudo arrasado.

Na grande praça donde partiam a cada minuto, vinte horas no dia, carros para todos os pontos da cidade, só um sae agora a grandes espaços, e para curtas distancias; as desenas de carruagens de todas as especies, que os cocheiros ofereciam para nos transportar aos melhores hotéis, nenhuma se vê e nem um só hotel existe.

Onde está a grande arteria da cidade, a Market-Street, essa esplendida rua la-deada de ricos edificios, a rua de maior movimento, onde os transeuntes se acote-



HOTEL RECLAME DE MARKETSTRASSE DESTRUIDO PELO TERREMOTO

velavam, e mais frequentes eram os carros? Tudo deserto por entre as ruínas.

Nas tres esquinas formadas pelas ruas Market, Tres e Kerny onde existiam os edificios dos tres grandes jornaes *Call*, *Chronicle* e *Examiner*, o grande bolicio que ali havia dia e noite a receber e transmitir noticias a todo o mundo, transformou-se em completo silencio. Abandonados os edificios derruidos, os jornaes passaram para Oakland continuando na sua informação.

As ruínas dos edificios do *Examiner* apresentam um aspecto curioso pela variedade de materias acumuladas, vendo-se por entre tijolos e cimentos da construcção, machinas desmanteladas, canalisações e ferros torcidos, grandes massas de chumbo derretido em que se converteu o typo, etc. O edificio do *Call* resistiu ao terremoto quanto poude ficando de pé a sua estrutura de ferro e aço tendo só cahido parte do revestimento.

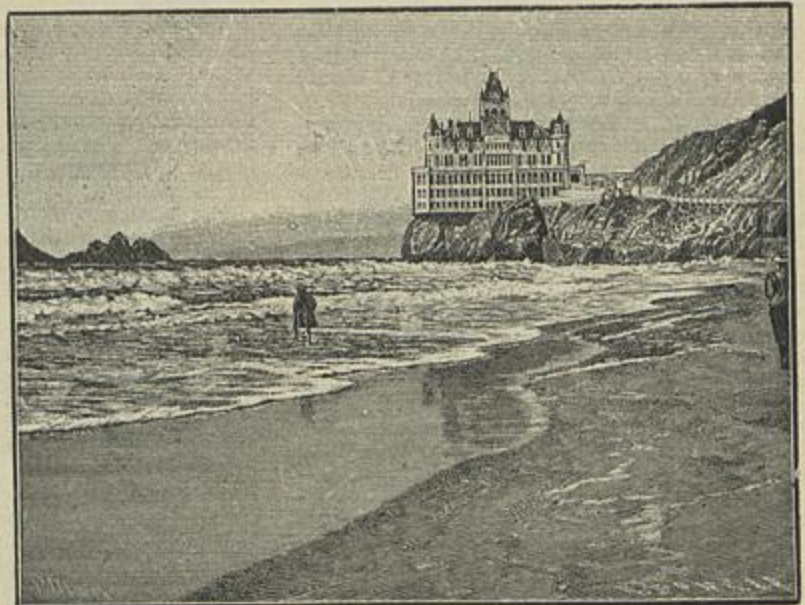
O mesmo aconteceu á casa do *Chronicle*. Retiramo-nos d'ali apavorados por aquelle silencio e transidos de frio pelo vento que enfiava por entre as grandes fendas dos edificios desmornados.

Para além avistámos as ruínas do edificio da camara de S. Francisco, que tão lindo era e que hoje está quasi todo cahido, apresentando o esqueleto de ferro, despido do seu revestimento.

Um dos mais bellos edificios o grande Cliff-Haus construido em cima dos rochedos que deitam sobre o mar, foi tambem destruido pelo terremoto.



EDIFICIO DA MUNICIPALIDADE DE S. FRANCISCO ANTES DO TERREMOTO



O GRANDE CLIFF-HOUSE CONSTRUIDO EM CIMA DOS ROCHEDOS DESTRUIDO PELO TERREMOTO



EDIFICIO DA MUNICIPALIDADE DE S. FRANCISCO DEPOIS DO TERREMOTO

(Copias de photographias)



UM ASPECTO DA CIDADE DE S. FRANCISCO DEPOIS DO TERREMOTO

Não se pode vêr sem profunda tristeza e conflagração tão grande derrocada. Apresse-me a sahir d'aquella Pompea de nossos dias, como de necropole de horrores.

Sob a impressão mais dolorosa deixámos S. Francisco, a cidade que d'antes tanto alegrava visitar.»

As gravuras que publicamos, copias de photographias, elucidam e melhor completam as informações da carta que acima se lê.

Pelas noticias mais recentes, sabe-se que é grande a actividade que se desenvolve para reedificar S. Francisco, o que para o espirito americano é mais uma empresa arrojada a realisar, não surprehendendo-se d'entre aquellas ruínas sair em pouco tempo uma cidade ainda mais bella e rica de edificios grandiosos.

Na cidade de S. Francisco a colonia portugueza era importante, muito principalmente de açorianos, e muitos de nossos compatriotas perderam ali seus haveres, e felizes se podem considerar os que não perderam a vida.

LITTERATURA INGLEZA

G. H. Wells

O OVO DE CRISTAL

(Continuado do numero antecedente)

Ao outro dia, mister Cave teve que satisfazer uma encomenda de cães-marinhos para as dissecções da clinica de certo hospital. Durante a sua ausencia, a mente de mistress Cave voltou a bsorver-se no cristal e nos melhores meios de despendir o dinheiro de tão boa pechincha. Havia já imaginado mais de um e agradabilissimos, entre outros um vestido de seda verde para a sua pessoa e, para toda a familia, uma excursão até Richmond, eis senão quando, a chama á loja o discorde retintim do timbre da porta. O cliente era um repetidor que vinha queixar-se de lhe não haverem ainda mandado umas rans encomendadas por elle, na vespera. Mistress Cave desaprova vivacissimamente este ramo particular do commercio de mister Cave, e nessa conformidade, o pobre do homem, cuja reclamação fora expressa em tom algo aggressivo, retirou-se, passado um breve escambo de palavras, de modo cortês, em extremo, e referentes áquillo que pessoalmente o interessava. Então, os olhos de mistress Cave dirigiram-se naturalmente para o mostruario: pois que a vista do ovo de cristal representava para ella a certeza de cinco guineas e a realidade dos seus sonhos. Qual não foi o seu espanto quando o não viu no logar proprio!

Foi rebuscar por detrás dos cacifos onde tinha ido dar com elle, na vespera. Não estava lá; pôs-se a procurá-lo, acto-continuo, por toda a loja, feticitante.

Quando mister Cave voltou da entrega dos cães-marinhos, ahí pelas duas horas menos um quarto, da tarde, veiu encontrar a loja num certo desalinho, e a consorte, de cócarinhas por detrás do balcão, a remexer-lhe de baixo para cima os seus materiaes taxidermicos, em estado de absoluto exaspero.

Assomou rubido e colerico o carão da dama quando o retinir do timbre lhe annunciou o regresso do esposo: accusou-o á queima-roupa de o ter escondido.

— Escondido o quê? — perguntou mister Cave.

— O ovo de cristal!

Mister Cave, in-continenti, no auge da surpresa, ao que parecia, arremeteu para o mostruario.

— Já lá não está! Santo Deus! que será feito delle?

No mesmo instante, o enteado de mister Cave, que tinha entrado, momentos havia, saiu do cubiculo ao fundo da loja, — a blasfemar liberalmente: aprendiz de um marceneiro no extremo da mesma rua e vindo comer a casa, estava furibundo, já se vê, pelo facto de não vir achar pronto o jantar.

Mas assim que soube do sumiço do ovo de cristal, esqueceu-se da refeição, e a sanha voltou-se-lhe contra o padrao. A ideia que primeiro lhes occorreu foi, como era de suppôr, que este o havia sumido; mister Cave, porém, certificou energicamente que não tinha o minimo conhecimento da sorte do alludido objecto — offerecendo gratuitamente a sua afirmativa effectuada a trape-zape e teve taes artes que rematou com a accusação, primeiramente da esposa e depois do enteado, de lhe haverem deitado a mão com o tento em o venderem em proveito proprio. E as-

sim se encetou uma discussão acrimoniosa em extremo, quanto afflictiva, que veiu a terminar para mistress Cave em um especialissimo ataque de nervos, no que quer que fosse intermédio a apopléxia e á loucura furiosa, que veiu a dar como consequencia o enteado chegar mais tarde á officina. Mister Cave refugiou-se na loja, longe das commoções conjugaes.

A' noite, voltou á teia o assunto com menos paixão e num ponto de vista pratico, sob a presidencia da enteada.

Foi um desastre o jantar e, finalmente, transformou-se a discussão numa scena afflictiva. Mister Cave deixou-se descambar para uns paroxismos de exaspero, supino, na apparencia, e abalou batendo com a porta estridulamente. A restante familia, depois de o haver improperado e posto de rastos com uma liberdade garantida pela ausencia do proprio, pôs-se a revolver tudo, desde a cava até ao sótão, esperanças em desencatar o escondido do cristal.

No dia immediato, eis que voltam os clientes. Foram recebidos por mistress Cave quasi que a chorar.

Insinuou que ninguem seria capaz de conceber o quanto ella tinha supportado por parte de mister Cave, nos diversos tramites da sua peregrinação matrimonial... Procedeu tambem a uma narrativa fantasiada do desaparecimento do ovo de cristal. O ecclesiastico e o Oriental olharam um para o outro e declararam que era de veras extraordinario; mas como mistress Cave pareceu disposta a narrar a historia circunstançada da sua vida, fizeram menção de retirar-se. Nesta altura, mistress Cave, aferrando-se ainda a um vislumbre de esperança, indagou a morada do ecclesiastico, com o tento em, no caso de poder sacar alguma coisa a mister Cave, estar habilitada a transmitir-lho.

Effectivamente foi-lhe dado o endereço, mas é provavel haver levado sumiço desde logo: não havendo podido mistress Cave, posteriormente, recordar-se de uma palavra a semelhante respeito.

Naquella mesma noite, a familia pareceu afinal ter visto o fim ás suas tribulações, e mister Cave, que estivera ausente toda a tarde, ceou num insulamento sorumbatico representando para si um aprazivel contraste com as violentas contraversias dos ultimos dias. Durante um lapso de tempo mantiveram-se algo tensas as relações entre os membros da familia Cave.

Mas nem o ovo de cristal nem o pretenso cliente voltaram a apparecer.

E agora, sem mais circumloquios, temos que admitir o facto de ser um caramboleiro mister Cave.

Estava farto de saber onde se encontrava o ovo de cristal, visto havê-lo dado a guardar a mister Jacob Wace, ajudante preparador no Hospital de Santa Catharina, em Westbourne-Street. O alludido objecto estava collocado em uma prateleira, coberto em parte com um retalho de veludo preto, ao lado de um frasco de whisky americana. Verdade, verdade, mister Wace é a fonte d'onde promanam os promenores que servem de base á presente narrativa. Mister Cave tinha levado o ovo para o hospital, ás escondidas, dentro de um sacco contendo os cães-marinhos, e insistira com o manco para o guardar. Mister Wace a principio ficou algo perplexo. As suas relações com mister Cave eram de character muito particular. Uma tal qual inclinação em favor de gente esquipatica por mais de uma vez o levára a convidar o ancião a vir fumar e beber a sua casa, e a espriar as suas ideias um tanto divertidas ácerca da vida em geral e da mulher, em particular.

(Continúa.)

M. MACEDO.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

INTRODUÇÃO

I

SUMARIO

Um antigo suburbio—A «Ribeira de Lisboa» e a «Lisboa Antiga»—O Campo da Lide de Duarte Nunes de Lião—Documentos valiosos—Etimologia de Campolide—A Pratica dos Compadres e o Auto das Regateiras—Ganhem terreno novos bairros—Uma vista de olhos retrospectiva—O Moinho de Vento—A nova parochia de Santa Isabel—Expansão da cidade—O terremoto de 1755, como factor principal d'esse movimento expansivo.

Toda a área de terreno occupado actualmente pelos arruamentos que, depois do terremoto de

1755, se alastraram para poente e norte da cidade, isto é, o que hoje commumente chamamos a Lapa, Buenos Aires, Santa Isabel, a Estrela, o Principe Real, S. Mamede, o Rato e as Amoreiras era, na primeira metade do seculo xvii, conhecido pela designação generica e extensissima de *Campolide*, um arrabalde campesino da cidade, sombreado de arvores, lavado dos ventos e povoado de hortas e de quintas.

Não nos demoraremos muito em investigar os primórdios do arrabalde e a etimologia do termo. A *Ribeira de Lisboa* do visconde de Castilho, adicionada com o que de novo nos diz o mesmo autor na sua ultima obra (1) são sobejo esclarecimento para o leitor mais exigente e menos crédulo.

Limitar-nos emos pois a rebuscar n'essa larga noticia os dados elucidativos, necessarios para servir de complemento ás investigações historicas e archeologicas de alguns trechos da capital que, como minha patria, amorosamente me propuz estudar.

Duarte Nunes do Lião foi o primeiro que derivou a origem de Campolide do facto de ser n'aquelle territorio *que os da lide estavam alojados*, referindo-se ao arraial dos castelhanos que em 1384 sitiavam Lisboa. Diz elle que, pelas muitas lides que ahí se deram entre sitiados e sitiadores, se ficou ao sitio, por memoria, chamando *Compo-da-Lide*, ao diante abreviado em *Campo-Lide*. (2)

Seguindo a esteira do chronista, diz D. Fernando de Menezes, no seculo xvii: *Em hum campo que não distava muito do quartel de El-Rey, se formou outro a que deram o nome de arrayal; e posto pelas pejeas que houve nelle conserva o nome de Campolide*. (3)

E' para vêr como ainda as mais verosimeis etimologias enganam muitas vezes os melhor entendidos no assumpto.

A opinião de Duarte Nunes, que tinha inegavelmente plausivel fundamento foi, como se vê, acceita e seguida. No seculo xviii todos os escriptores que se occuparam da materia adoptaram-na sem reservas. Haja vista Frei Manoel da Conceição, que no seu *Supplemento ao Summario de Christovam Rodrigues de Oliveira*, mostra bem abundar nas mesmas ideias. Era tão facil, tão intuitiva, tão commoda, digamos assim, aquella origem, que ninguem se deu ao trabalho de procurar contesta-la.

Quando em 1879 saiu a lume a *Ribeira de Lisboa*, aquella etimologia, que já creára com o tempo íoros de certeza, tão seguramente architectada estava na apparencia, caiu como um castello de cartas.

O apparecimento de um documento inédito, que existia no archivo da Torre do Tombo, veio pôr cobro ao erro em que havia tanto tempo se laborava, e provar que o famoso *Campo da Lide* foi completamente estranho á origem do pittoresco arrabalde, simples coincidência philologica e nada mais.

Esse documento, cuja data é quarenta e quatro annos anterior ao cêrco de Lisboa, menciona no seu texto *uma vinha de Fernando em Campolide*; e, como se isso não bastasse, quiz o acaso dar fartura de argumentos contra a asserção de Duarte Nunes, fazendo chegar ás mãos do sr. Visconde de Castilho o *appenso á Historia das Inquirições* de João Pedro Ribeiro, onde a pagina 9, em uma velha inquirição attribuida ao reinado de D. Affonso II, se diz que a ordem do Hospital possuia *duas vineas in Campolide*. (4)

Esta abundancia de vinhedos no antigo suburbio lisboeta é tambem documentada no seculo xvi por Antonio Ribeiro Chiado—na *Practica dos Compadres*. (5) Diz o compadre para Fernão da Horta: — Este vinho é Campolide.

Não será o actual vinho do Termo o ultimo descendente desse Campolide, que deliciou os quinhentistas apreciadores? O proprio autor dos versos, por exemplo, que no dizer do seu irreconciliavel inimigo, o preto Affonso Alvares, *bebia como francès*, devia certamente apreciar lo. (6)

(1) Lisboa antiga—2.ª edição—Volume 1.º—Paginas 74 e seguintes.

(2) Duarte Nunes—Chronica d'El-Rey D. João I—Capitulo XXIX.

(3) Viça e Acções d'El-Rey D. João I—Livro 2.º—Pagina 122.

(4) A Ribeira de Lisboa, já citada—Paginas 580.

(5) Obras do Poeta Chiado, colligidas, anotadas e prefaciadas por Alberto Pimentel—Lisboa 1889—Pag. 131.

(6) Idem. Idem. Pag. xix.

Voltemos ás etimologias.

Feita a 2.^a edição da *Lisboa Antiga*, o seu autor que não descançara sobre os loiros colhidos, mette novamente hombros á empreza de esmiuçar o termo, argumenta sobre uma citação do cruzado Osberno, testemunha presencial da tomada de Lisboa, e avança a dizer que a palavra é anterior á monarchia e, classificando a como vocabulo gôdo, põe o *Compolet* ou *Compolit* da narrativa de Osberno como primeiro avoengo na ascendencia philologica do actual Campolide (1).

Não é razão para engeitar esta hypothese o facto de ser Santos, logar, a que o cruzado inglês chama *Compolet*, bastante arréδιο dos sitios que ainda no seculo xviii eram conhecidos por essa designação.

Foi Campolide quasi todo, senão todo, o territorio que ás abas de Lisboa se estendia para poente e norte; e, quem sabe se, em maior antiguidade, o seria em todo o seu termo.

No seculo xvi São Bento era campo, povoado de muitas oliveiras. Lá diz o palreiro Chiado no *Auto das Regateiras* (2).

Pois mi'filha Beatriz Varella
quem houver de casar com ella
tem mui bom casamento.
tem um olival a São Bento,
e um pinhal na Arrentella
e vinha d'aforamento.

O antigo convento da Estrelinha foi fundado em uma quinta chamada de Campolide. A Fonte Santa, para as bandas de Alcantara, era Campolide tambem. No seculo xv, em 1429 (diz o sr. Visconde de Castilho) havia ali uma herdade com este nome.

Pois não custa crêr, amigo leitor, que uma designação que outrora abrangeu tão largo territorio, se ache hoje reduzida a uma duzia de ruas modernissimas, cujas casas se encastellam sobrebranceiras ao chamado valle de Alcantara?

Ahi por meados do seculo xvii começou Campolide a perder parte da sua importancia territorial. Um convento que annos antes se fundara para os lados de Santos, mas ainda dentro da área da sua suzerania, principiava impondo o seu nome aos chãos circumvizinhos.

A Cotovia, que do principio do seculo xv até então, apenas conseguira transparecer n'uma citação ocasional, toma de repente rapido desenvolvimento e estende a influencia do seu nome a uma quinta vizinha, depois ás azinhagas proximas, e em seguida á estrada que entestava com os muros da residencia-solar dos opulentos Soares do Tojal; e Campolide, como velha hoste enfraquecida, que cede terreno ante a marcha impetuosa das suas aguerridas inimigas, ia recuando passo a passo, morôsa, mas continuamente, aqui perdendo uma verdejante almoinha, além um pomar florido, acolá uma vasta terra de semeadura.

No primeiro quartel do seculo xviii mais notável se tornou ainda a sua tendencia expansiva, implantando o seu bem-soante nome até o sitio onde, de novo, se edificára um mosteiro de religiosas. Pouco depois, a alcunha pittoresca de um dos fidalgos padroeiros do convento, que a breve trecho alcançára notória celebridade, obrigou-a a recuar por sua vez e a firmar-se solidamente naquelles chãos onde mais tarde se inscreveu o largo do Rato (3).

Que variedade de mudanças e que diversidade de causas!

A perda daquelle terreno foi o sinal de successivos desmembramentos para a ephemera Cotovia. Uma pertença da mesma quinta que lhe ajudou a consolidar a expansão, veio com o andar dos tempos a alcançar a sua autonomia. No segundo quartel do seculo xviii chamava-se o Pomal.

Depois veio a Patriarchal, cuja memoria ainda subsiste a despeito das alterações municipaes; a seguir o Collegio dos Nobres e a Mãe de Agua, esta solidamente cimentada ainda, aquelle resumido n'um estreito bôco, sem saída, ao tempo que uma nova industria, que breve tomára extraordinario incremento, desalojava mais uma vez Campolide impellindo-o para detraz de S. João dos Bemcasados, onde se refugiou, accossado pelos vae-vens da sorte, e, onde ainda hoje tem o seu ultimo baluarte.

Da Cotovia apenas resta actualmente, como

(1) Lisboa Antiga, já citada—Paginas 74 e seguintes.

(2) Obras do Poeta Chiado, já citadas—Paginas 74 e 75.

(3) Tratar-se-á depois mais miudamente do assumpto.

dos paizes que a guerra interior ou exterior convulsiona, divide, desagra e extingue, o que amanhã restará de Campolide: um pedaço de historia a perpetuar-lhe o nome e a vida ficticia que nós, os amadores de velharias, podemos insuflar, com o sopro da nossa imaginativa, nesses quadros meio apagados pelo tempo e pelo esquecimento.

(Continúa.)

G. DE MATTOS SEQUEIRA.

VICTOR CAL

Harpejos

Disse-me Victor Cal, não ha muito ainda, que as palavras irresistiveis dum amigo dedicado, o determinaram a dar publicidade aos seus versos intimos.

Denominou Arpêjos ao conjunto dëlles, e o elegante volume em que se contém do presente, constitue-lhe as primicias na poesia, «a mais humana de todas as artes» conforme definiu Véron, no livro *A Estética*.

O illustre Xavier da Cunha, no erudito e primoroso introito á versão do poema *Evangelina*, de Longfellow, por Miguel Street de Arriaga, escreveu este assérto: «E' sempre um obreiro prestante áquelle que de alguma fórma contribue para arrancar do esconderijo obscuro, em que jazia inutilizada, uma perola de preço».

Sem comparar a obra-prima do norte americano Longfellow com *Harpejos*, todavia, perfilho as impressões de Xavier da Cunha e applico-as sem receio de contradita, á pessoa do amigo de Victor Cal, que imperou no animo deste até o ponto de lhe fazer imprimir um livro de versos, na quadra da vida em que os sonhos do ideal já não costumam embalar veemencias improprias de paixões naturalmente extintas.



VICTOR CAL

A verdade, porém, é que Victor Cal, sem aliás ser um velho, demonstra-se um poeta muito apreciavel encerrando o volume verdadeiras joias de puro quilate.

Acentuadamente liricos, ha nas composições poeticas do autor duas características predominantes, — pensamento e coração, acrescidas do perfume religioso duma alma nobre e sincera.

O volume abre e fêcha invocando o nome de Deus, que se encontra estampado em quasi todas as paginas.

Louvo ao poeta similhante profusão, relativamente a um tal nome: não é o muito lêr as silabas que o fórmam, que arma o braço dos Morales de todas as epocas, mas a sua falta nos livros, nas escolas e nos corações.

Julguem os leitores do merecimento da obra pelas transcrições seguintes:

CONSULTA MATERNAL

Venham cá as minhas filhas:
Desejo ouvir-lhes dizer
O que mais ambicionam
Ou lhes dá maior prazer.

Diz a mais velha — a riqueza —
A segunda — a illustração —
Para mim — fala a mais nova —
Prefiro um bom coração.

Muito bem, a mãe conclue,
Vaes ter fortuna e saber,
Que ha n'um bom coração tudo,
Quanto de bom pôde haver.

OS TEUS OLHOS

Vejo e adoro a Deus
Nos olhos teus...

Os teus olhos por Deus aureolados
Da seducção dos astros e das flores,
São o meu Céu aberto, os meos amores,
São os meus dias santos muito amados.

Vejo e adoro a Deus
Nos olhos teus...

O FIEL

Já fui rico, que tristeza!
Não passava então um dia,
Sem ter sempre um falso amigo
A jantar sempre commigo,
A fazer-me companhia.
Que infelicidade!

Pobre agora, que alegria!
Evitam-me com presteza
Os meus amigos de outr'ora;
Deixam-me todos agora
Só com a minha pobreza.
Que felicidade!

Hoje só tenho commigo
Um unico amigo antigo,
Que nunca foi infiel:
E' o meu cão, o Fiel,
Esse unico antigo amigo.
Que humanidade!

Não ha nestes arpejos, profundêsa moral de conceito, encanto de rima, e até humorismo finissimo?

E' pena que, não obstante o cuidado de revisão de que eu fui testemunha por parte do autor, haja escapado alguma coisa que deixou a tipografia um tanto pecaçôra; entretanto, a rosa não existe sem espinhos e o sol sem manchas.

Prosiga o poeta no caminho aberto por *Harpejos*, e vingue comunicar-nos em futuros volumes, todas as vibrações em que se lhe revelar o éstro inspirado e toda a formosa filosofia do seu sentimento.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

O naufragio do vapor italiano «Sirio»

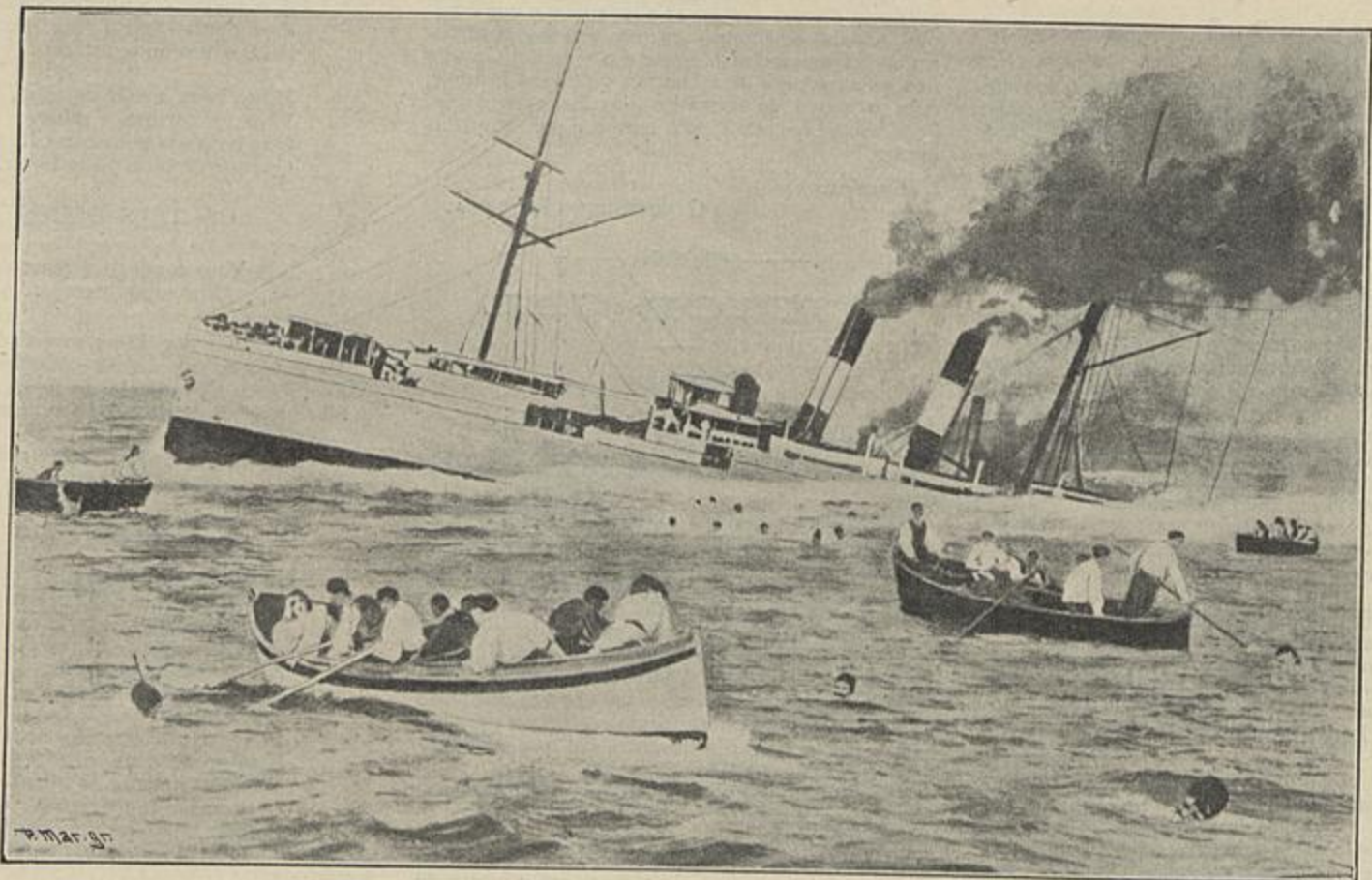
Na historia dos grandes naufragios ha a escrever mais uma pagina tragica, a do naufragio do vapor italiano *Sirio* que, dirigindo-se para Buenos Ayres, naufragou nas costas de Hespanha, de encontro aos baixos das Formigas, na tarde do dia 4 do corrente.

Por toda a imprensa diaria acham-se dispersos os telegrammas dando noticia d'este naufragio, e cada telegramma conta novos promenores d'essa enorme desgraça, em que se perderam cerca de tresentas vidas afundadas no oceano.

No meio de uma grande calmaria, mar sereno, tranquilo, em que nada fazia prever uma catastrophe, navegava o *Sirio*, um tanto perto da costa de Cartagena, quando de repente se sentio a bordo um violento estremeção, que a todos sobresaltou de improviso e de que não tardou a conhecer-se a causa.

O vapor batera nos baixos e de fórma que logo abriu o casco, ao mesmo tempo que a resistencia produsida contra a força da machina fazia explodir as caldeiras, o que mais contribuiu para augmentar as horribes proporções da catastrophe.

O *Sirio* principiou acto continuo a submergir-se pela popa e grandes nuvens de fumo e de vapor das caldeiras encheram o espaço. Estabeleceu-se logo espantosa confusão entre as centenas de passageiros e companha do navio, tanto maior pela falta de sangue frio e energia do commandante que, contra as leis regulamentaes d'estes casos, foi dos primeiros a procurar salvar-se, em vez de



O NAUFRAGIO DO VAPOR «SIRIO» NOS BAIXOS DAS FORMIGAS

(Photographia do sr. Pino, tirada quando se procedia ao salvamento dos naufragos)

dirigir o salvamento dos passageiros e da tripulação.

Tudo, pois, concorreu para tornar ainda maior a desgraça, mal se podendo aproveitar os escaletes e boias de salvação para arrancar á morte tantos infelizes, apesar dos socorros, tão breves quanto possível, prestados por alguns barcos que andavam na costa, e que se dirigiram para o logar da catastrophe procurando recolher os naufragos.

E' esta a situação que o sr. Pino photographou poucas horas depois da occorrença e que nós reproduzimos em gravura.

Conforme as declarações do commandante Picconi o *Sirio* conduzia entre passageiros e tripulantes 785 pessoas, das quaes se salvaram 515 tendo perecido 270. A maior parte dos passageiros eram italianos que imigravam, alguns com as familias, para Buenos Ayres.

No salvamento dos naufragos prestaram grandes

serviços muitos barcos de pesca e outros, mas o que conseguiu salvar maior numero de pessoas foi o palhaborde *Joven Miguel* do commando de Vicente Buigues, que só á sua parte recolheu 400 naufragos.

A maior parte dos naufragos recolheram a Cartagena onde as auctoridades e o povo lhe tem dispensado todo o auxilio e conforto possível, tendo-se realisado espectaculos publicos e aberto subscrições em seu beneficio. Outros naufragos foram para Alicante nos barcos que os salvaram, e muitos estão ainda recolhidos em outras povoações da costa.

De muitas scenas commoventes dão noticia os jornaes. Assim contam que uns noivos que faziam a sua viagem de lua de mel, foram envolvidos no naufragio tendo-se salvo a noiva, mas não apparecendo o noivo; ella chorava a sua triste sorte quando soube que o esposo estava são e salvo em Alicante.

A um medico que julgava ter perdido sua mulher e uma filha, estas lhe appareceram, salvas pelo commandante do palhaborde *Joven Miguel*. Outro tanto aconteceu a um casal de arabes com uma filha tambem.

Uma creança de peito foi encontrada agarrada ao cadaver de sua mãe que boiava sobre o mar; trasida para terra foi entregue a uma mulher que a está amamentando.

Entre as victimas que pereceram no naufragio conta-se a tiplé Dolores Millanes que seguia para Buenos Ayres.

O vapor *Maria Luiza* recolheu grande numero de naufragos assim como o trasatlantico *Pilon*.

O commandante Picconi, que está no commando de Marina, parece ter alteradas as suas faculdades mentaes, não respondendo acertadamente ás perguntas que lhe dirigem.

O *Sirio* foi construido nos estaleiros de Glasgow em 1883 e deslocava 4:126 toneladas.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 411, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



A melhor agua de mesa conhecida
AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco da Bandeira, 216, 1.º
LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 1\$500 RÉIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca
em todos
os estabelecimentos



CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Methodo Berlitz

LISBOA
R. do Alecrim, 20 A
1.º e 2.º andar

PORTO
Rua Sá da Bandeira, 259

Duas medalhas de ouro e prata
Exposição Universal de Paris de
1900 Grand Prix—
Exp. de S. Luiz 1904
Exp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico
POR

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Afonso XIII

Professores de S. A. o Principe Real da Alemanha

Professores de S. A. o Principe Friedr. Wilh. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERAES, separadas para HOMENS e SENHORAS

Allemaõ, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite